

## **UM MODO PRAZEROSO DE ESTUDAR: o texto acadêmico através da escrita e do desenho**

---

A experiência aqui relatada visa socializar o "aprender a aprender-estudar", a partir de textos acadêmicos abstratos, demonstrando que a leitura e compreensão de um texto pode se dar de forma prazerosa, criativa, ao se traduzí-lo em esquemas, através de palavras-chave e desenhos. Essa prática foi oportunizada em disciplinas como Ciências da Saúde e Poder, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, da Universidade Federal de Santa Catarina, e diferenciação, o estético. Palavras Chave: aprendizagem, mimesis expressiva, razão comunicativa.

---

### **POR QUE RELATAR ESTA EXPERIÊNCIA?**

Atuando como professoras do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM e Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, nosso trabalho tem requerido muito envolvimento e "paixão". Ambas somos pessoas muito curiosas, sempre procurando "aprender a aprender" um pouco mais para que esse trabalho se torne prazeroso.

Nesta busca que exige muita dedicação, reflexão e abstração, as interrogações se tornaram uma possibilidade de manter sempre um espaço aberto para novas alternativas de ensino.

Nossa formação foi resultante de um modelo de ensino tradicional e tecnicista, sem estímulo ao pensar, ler, refletir. Ao contrário, convivemos com a idéia de que o "bom" aluno era o que soubesse executar, copiar, decorar e concordar.

O desafio, então, se manifesta nesta necessidade de ultrapassar esses comportamentos arraigados, mesmo que isso custe algum conflito. Não há dúvida de que a educação, nas suas diferentes formas, continua sendo um tema cheio de conflitos, ambigüidades, mitos e fetiches. Na enfermagem, ela carrega o "peso" de sua própria história, pela disciplina e hierarquia imediatamente posta quando de sua institucionalização.

Acreditamos na possibilidade de uma enfermagem mais humana, solidária, valorizada, digna, como profissão do próximo milênio, e, para que isso ocorra, precisamos renovar nossos caminhos, conhecimentos, práxis, enfim, renovarmo-nos enquanto pessoas também em nossas atividades cotidianas. Neste sentido, como docentes, entendemos que a formação profissional não poderá dispensar a arte, o estímulo, o compromisso com tais valores.

Um dos caminhos que curiosamente ambas encontramos foi voltar aos estudos depois de muitos anos como docentes, procurando na academia respostas para nossas inquietações. Não a encontraríamos diretamente, como mágica, à nossa frente, no entanto, o véu de nossa formação foi se desfazendo, pela compreensão cada vez mais constrangedora de que o conhecimento, ao invés de apaziguar nossos corações, nos abria brechas na escuridão de nossa ignorância e nossas próprias incoerências emergiam, nossas certezas estremeciam e exigiram tanto ou mais esforço que ensinar.

As "aulas" se desenrolavam nas várias disciplinas, em momento diferentes para cada uma, e os textos para serem lidos foram sendo distribuídos. Eram "volumes" a serem consumidos e digeridos em pouco espaço de tempo. Como dar conta de tudo? Eram textos filosóficos, sociológicos, psicológicos e "abstratos", muito longe de nosso perfil de formação anterior. A linguagem, ainda que em português, sempre parecia difícil, quanto mais se fosse em francês, inglês, espanhol. A primeira experiência foi um certo "estado de choque". Tudo o que não fomos estimuladas a fazer, desde o Curso Primário até a Graduação, estava sendo exigido.

Haveria uma forma de aprender tudo aquilo e que não causasse tanto estresse?

### **A EXPERIÊNCIA: DA SERIEDADE À ARTE**

Numa disciplina cursada no Doutorado, Ciência da Saúde e Poder, era obrigatória a entrega de uma "síntese" (não resumo) dos textos lidos, além de apresentação e discussão em sala de aula. Houve a necessidade de uma reavaliação de nossos conceitos, de modo que Freire (1980:81) foi lembrado, quando escreveu:

Refletindo nestas palavras, começou a emergir uma luz, uma energia criadora, para auxiliar na compreensão e escrita das sínteses dos textos acadêmicos.

A partir, então, do primeiro texto abstrato com o qual deveria trabalhar, como se fora cada um deles um novelo fechado, comecei a ler e reler cada linha que o compunha e a decodificá-lo, transformando-o, através de desenhos e palavras, como nos exemplos mais adiante apresentados, em algo mais próximo de minha realidade. Encorajada e fortalecida, encontrei no desenvolvimento da criatividade um modo diferente, espontâneo e pleno de prazer para construir o conhecimento e desvendar esse novelo, a partir de vários fios. Ao mesmo tempo, temerosa, imaginava qual seria a reação da professora para um "estilo de síntese" não convencional, num Curso de Doutorado.

Estimulada por ela, por outros professores e colegas que tiveram acesso ao meu trabalho, senti-me inquieta e compromissada em dividir minha experiência com as pessoas que acreditam na criatividade como uma necessidade, vital para a sobrevivência humana, no processo de ensino e aprendizagem ou em qualquer outra dimensão.

Portanto, achei oportuno relatar minha experiência, que não pretende ser uma "receita pronta", mas uma maneira de afirmar as possibilidades de criação no processo de ensinar-aprender.

### **DA EXPERIÊNCIA À REFLEXÃO**

É interessante expressar nossa compreensão de atividades lúdicas, ou seja, aquelas que possibilitam à pessoa ter prazer, melhorar seu humor - "estado de espírito", desenvolver o processo educativo, melhorar a relação com o seu mundo interior e exterior, descontraír, sentir alegria, distraír-se, relaxar, despertar a sensibilidade, flexibilidade, reciprocidade, enfim, permitir, inclusive, mudança de comportamento sem o ônus de esforços desagradáveis.

Várias modalidades poderão ser utilizadas para o desenvolvimento das atividades lúdicas, como o desenho, a pintura, a colagem, jogos, música, sessões de conversas-anedotas, cantoria, filme, clube de talentos, exercícios de relaxamento, e tantos outros. Para tudo isso, é necessário às pessoas estarem dispostas a expressar-se, de preferência num espaço agradável e descontraído, onde também seja permitida a descoberta, de modo a que também possibilite a saúde mental.

Dos elementos mais importantes para que a criatividade seja despertada, uma contradição inicial aflora como necessária. Em um dos lados está a possibilidade de expressão pessoal sobre um fato experienciado ou relatado; de outro a aceitação da crítica. No primeiro elemento temos a liberdade individual, no segundo a liberdade do outro. Ter habilidade para transitar entre um espaço e outro, sem a fantasia de que tudo se passará harmoniosamente, sem conflitos nas relações, parece ser um comportamento muito distante de nossas possibilidades. Habitualmente observamos nossos alunos sofrerem, assim como nós mesmos sofremos, quando se defrontam com a necessidade de expressar suas próprias idéias ao grupo com o qual convivem, carregando esta "inabilidade" para sua vida profissional.

No entanto, o sofrimento, tão comum quando nos deparamos com conflitos de ordem íntima ou coletiva, é mais fruto de exageros de nossa imaginação que de fatos. Muitas vezes, contraposições de idéias são enfrentadas como contraposições totais, ou seja, quem está falando ou fazendo diferente de mim é imediatamente um inimigo a ser destruído, ou que está me destruindo, com pensamentos ou com ações. Do mesmo modo enfático, ao defendermos nossas posições e idéias podemos imaginar que somos percebidos da mesma maneira, ou seja, querendo superpor-se aos outros. Gera-se um clima nada propício à criatividade e ao prazer de ensinar-aprender e compartilhar experiências.

Sabidamente, um velho matuto sentou-se à porta de sua casa certo dia, em silêncio. Horas e horas contemplou o firmamento e o horizonte. Estavam tão longe que mais pareciam fugir de seus olhos. Para que servem, se não podem ser tocados?

Todo dia fazia a mesma pergunta. Um dia, talvez tocado com tamanha persistência, seu cachorro postou do seu lado e, como um reflexo do velho, passou a fitar longamente o horizonte.

Cansada de tantos silêncios, sua mulher perguntou o que estava a olhar. Ele fitou-a por alguns instantes e revelou: - você está atenta e interessada em me ouvir, ou está apenas atenta à sua pergunta? Contudo, vou lhe responder. Estou olhando para minha ignorância.

Assim é! Quanto mais aprendemos, mais percebemos o quanto não sabemos! Por isso, falar e ouvir, aprender e ensinar, pensar e criar são faces de uma mesma moeda. Argumentar para defender sua idéia e aceitar ouvir a argumentação do outro são características de quem está disposto a experimentar maneiras de fazer, quanto mais no ensino, em que o objetivo não é apenas fazer o aluno ouvir com atenção ao professor, mas provocar uma inquietação que resulte em estudo, aprendizagem e produção

A aprendizagem é tão pluridimensional, diz Nauoua (1994), quanto a própria vida. Para tanto, envolve interesse, curiosidade, coragem e prontidão. Só a aprendizagem que se liga à vida, ou seja, que está vinculada às vivências do indivíduo, é realmente duradoura.

A grande maioria de nós fez parte de um ritual tradicional/bancário de estudar e aprender, centrada no intelecto, na transmissão de conteúdo e na pessoa do professor.

Esta tradição de educação bancária, conforme Freire (1980: 79), mantém e ainda reforça os antagonismos (experiência diferente das contradições, pois o objetivo é destruir um fato ou idéia para impor o outro) através das práticas e atitudes que refletem a sociedade opressora em seu conjunto. São situações, como veremos logo a seguir, em que os diferentes se postam em lados incomunicáveis, onde não se permite a troca.

- a) o professor ensina, os alunos são ensinados;
- b) o professor sabe tudo, os alunos nada sabem;
- c) o professor pensa para si e para os estudantes;
- d) o professor fala e os alunos escutam;
- e) o professor estabelece a disciplina e os alunos são disciplinados;
- f) o professor escolhe, impõe sua opção, os alunos submetem-se;
- g) o professor atua e os alunos têm a ilusão de atuar graças à ação do professor;
- h) o professor escolhe o conteúdo do programa e os alunos - que não foram consultados - adaptam-se;
- i) o professor confunde a autoridade do conhecimento com a sua própria autoridade profissional, que ele opõe à liberdade dos alunos.
- j) o professor é sujeito do processo de formação, enquanto que os alunos são simples objetos dele.

Sem dúvida, há diferenças entre professores e alunos, pelas características de suas condições diante do aprendizado, mas são diferenças momentâneas e específicas, relativas a um assunto. A diferença não é total, como sugere a relação historicamente estabelecida pelo ensino tradicional. Nela há um problema básico e que se tem perpetuado no cotidiano da maioria dos seres humanos por milênios: a dominação enrustida nos papéis fixos e que prevêm as atitudes e determinam os modos de pensar e expressar.

A educação, sob esse aspecto, em nada contribui para a mudança social; ao contrário, seu papel é o de imprimir comportamentos, de evitar todo o processo de mudança, através da ênfase dada ao aspecto de adaptação cultural, pelo qual ela camufla e omite a realidade social. Essa educação não é coisa do passado, ela está mais presente no cotidiano de nossas escolas e universidades, embora não como originalmente, mas transformando-se e adaptando-se, enquanto conjunto de procedimentos limitados e limitantes.

A escola e a universidade são lugares por excelência, onde se raciocina, onde se tem as receitas, os modelos, as demonstrações. O que impera realmente é o conservadorismo cultural.

O aluno é considerado um ser receptivo/passivo; deve assimilar os conteúdos transmitidos pelo professor que é o "dono da verdade absoluta". Observação que, não sendo nova, tem refletido, de certo modo, a nossa própria incompetência para mudar e deixar que mudem.

Os procedimentos de ensino baseiam-se na exposição verbal da matéria e/ou demonstrações centradas no professor. A ênfase nos exercícios, na repetição de conteúdos ou fórmulas de memorização, visa disciplinar a mente a formar hábitos. A aprendizagem ocorre através da retenção do conteúdo ensinado e é garantida pela repetição de exercícios sistemáticos e recapitulação da matéria.

O processo avaliativo, como parte do processo, visa a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula. Mede-se, pois, pela quantidade e precisão de informações reproduzidas. A avaliação é mais para o professor revelar sua própria aptidão de ensinar. Não visa a auto-percepção, o reconhecimento por parte do aluno dos vazios em seu conhecimento ou em sua aptidão. Menos ainda está prevista para tornar-se elemento instigador de novos estudos.

O ritual tradicional de aprender-estudar é aquele no qual o aluno é capaz de reter, memorizar e reproduzir tudo o que o professor lhe transmitiu. Esse ritual anula a criatividade do aluno. Portanto, em nosso exemplo, o texto acadêmico abstrato, o novelo seria desvendado pelo professor que "sabe" onde está a ponta do fio que lhe permite desenrolá-lo. Os alunos, para conseguirem o mesmo, necessitam repetir o que o professor faz.

Como diz Demo (1990: 83),

... a sala de aulas, lugar privilegiado para processos emancipatórios através da formação educativa torna-se prisão de criatividade cerceada à medida que se instala um ambiente meramente

professor despeja sobre ele a imagem e semelhança. O que poderia ser gesto criativo, como o treino para coordenação motora da mão na alfabetização, é rebaixado a algo mecânico no contexto do 'reflexo condicionado'.

## **O RITUAL CRIATIVO E PRAZEROSO DE APRENDER A APRENDER-ESTUDAR**

Para Demo (1993: 29),

...a capacidade de informar-se assenta-se sobre dois horizontes complementares: acesso ao conhecimento disponível e capacidade de reconstruir todo dia o horizonte informativo.

Cada dia, cada situação pode comportar características que, sem constringer e limitar, tornam-se momentos de aprender-estudar criativos e prazerosos. Também se aprende a aprender e também se pode desenvolver a criatividade, desde que as condições sejam favoráveis.

Hoje, vemos a educação simplesmente como processo de ensino/aprendizagem estático, em que de um lado está o sujeito que ensina e de outro, como objeto, o que aprende.

Diz Demo (1993: 261) que, "a par disso, revive o 'esquema do reflexo condicionado', identificado com domesticação". Aprender, como papel exclusivo do educando, significa cristalizar a atitude de submissão, acatamento, obediência, reservando-se para o educador a postura de manipulação.

Portanto, considerar educação básica como "especificidade moderna", para Demo (1993: 30), significa

... estabelecer, de um lado, uma quantidade mínima de informação universalmente disponível, de estilo, interdisciplinar e matricial, e, de outro, uma qualidade mínima em termos de aprofundamento e atualização, condensada esta em habilidade metodológica propedêutica, típica do aprender a aprender". Mais que deter o conhecimento disponível, trata-se de habilitar metodologicamente a pessoa a manejá-lo e produzi-lo.

Para isso, duas expectativas são mais fortes sobre este tipo de "especificidade moderna", segundo o mesmo autor: capacidade de informação crítica, uma das bases da organização do sujeito histórico, habilitado a ler e a interpretar sua realidade e seu entorno com criatividade sempre renovada; capacidade de atualização incessante, sobre o fulcro o "aprender a aprender", condensando sempre o esforço renovado de não ceder à instrumentalização subalterna. Tais expectativas convergem para os desafios de participar e produzir, nos quais a educação é tanto instrumentalização informativa (qualidade formal) quanto, sobretudo, a finalidade de tudo (qualidade política).

Nesta perspectiva de buscar o aprender a aprender a estudar, que supõe também instrumentalização para o aprender, o centro está no saber pensar, fundamento do sujeito consciente e competente, utilizado no processo descrito acima como experiência, para decodificar os textos acadêmicos abstratos, através do pensar e escrever-desenhar, considerando-os mutuamente dependentes, de modo que as habilidades e a criação constituintes do ato de escrever-desenhar se aproximam do desenvolvimento da reflexão, na busca de como expressar por escrito o que é pensado e, assim, exteriorizar e comunicar o que estava no íntimo, permitindo desvendar como se dava esse processo de uma forma lúdica.

Desta forma, adicionalmente ao prazer de criar, a partir de uma leitura densa e complicada, se constitui o ato de aprender.

Leite ( 1994: 207) destaca que:

... a manifestação primeira do potencial de criatividade de cada pessoa faz parte do estabelecimento de sua própria identidade, desenvolvendo qualidades como audácia, coragem, liberdade, espontaneidade, perspicácia, integração e aceitação de si mesmo.

Pode-se, então, buscar, mesmo na academia, o auto-desenvolvimento global do aluno em busca de profissionalização, impulsionado pela abertura para aprender a seu modo, com seu próprio estilo. E isto, advertimos, se constitui numa possibilidade de experiência desestabilizadora dos papéis tradicionais de aluno e professor.

Num clima de conflito cognitivo entre o eu e o texto, considerado o mesmo como um "novo enrolado e firme", a compreensão pode ficar nebulosa. A aprendizagem torna-se mais complexa e configura-se apenas como mais informação e como algo que tem consequência apenas no plano externo. Quando o indivíduo adquire segurança de transitar livremente na dinâmica do processo criativo, lidando com os conflitos que foram surgindo, pode dispor de outro tipo de experiência, transformando o percurso num ato de prazer e crescimento, portanto com consequências internas. Torna-se um ato social e político uma vez que o conhecido o conhecedor e o meio de conhecer se integram de forma implicada

relaciona-la com conceitos, com o discutido em sala de aula, com mais leituras, que podem garantir mais informações, mas não necessariamente compreensão e incorporação à vida. Através do desenho-síntese, dispomos de uma maneira de fazer as emendas, rastrear relações, ultrapassar os "nós" da aprendizagem. A compreensão pode surgir nessas emendas (desenho), de modo mais apropriado, agradável e que permitem uma volta ao todo. Aquele todo (novo) antes desconhecido se torna um todo percorrido com as emendas e torna-se conhecido ao modo pessoal de cada um.

O que acontece é uma construção do conhecimento a partir também da história pessoal, da vida de relações com outras pessoas e as coisas, experiências anteriores, até mesmo com os estudos tradicionais, pois que não são inúteis em si. Inútil, quase sempre, é o processo, o gasto de energia, o tempo dispendido para a memorização.

Pela criatividade dá-se vida ao assunto de estudo, num ambiente agradável, alegre, construtor de vínculos, porque permite a liberdade de projetar o pensamento interdependente em qualquer interlocução.

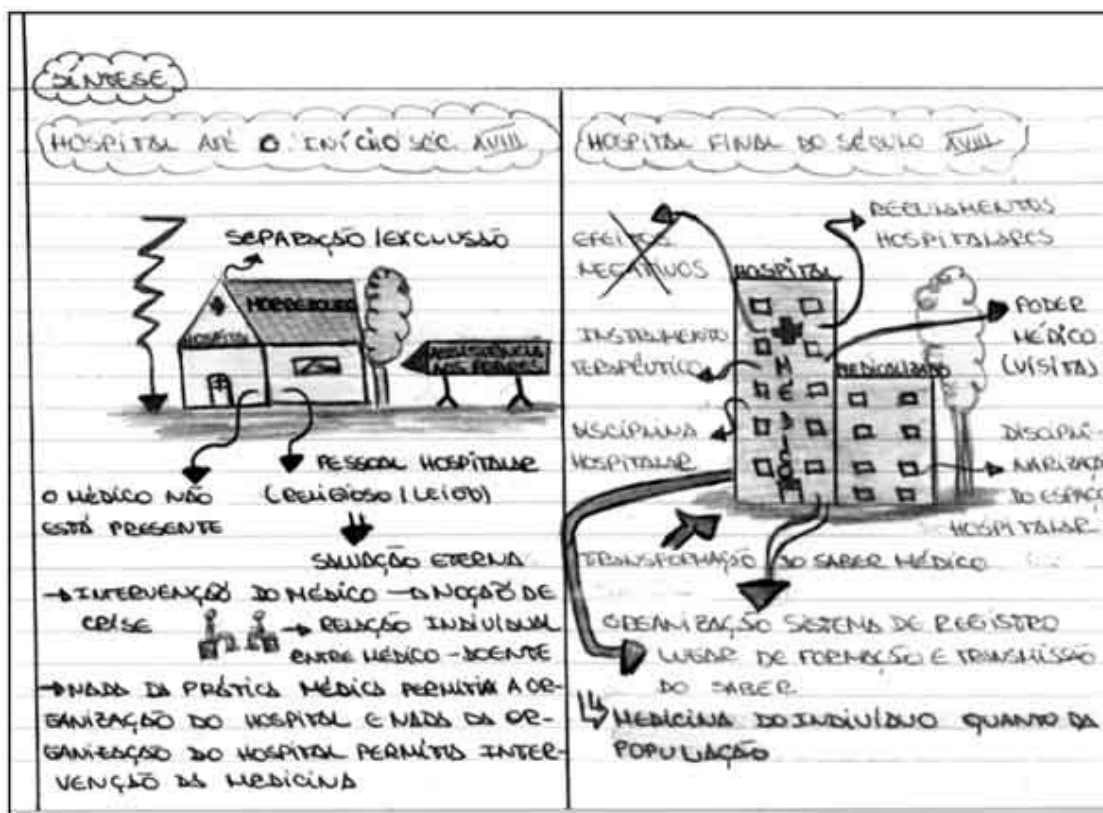
A seguir são apresentadas algumas sínteses (imagens) construídas a partir de leituras e de fichas bibliográficas de alguns textos acadêmicos abstratos. Seria interessante, para uma melhor compreensão das sínteses, a leitura dos textos. Todos sintam-se convidados a lê-los.

Na Figura 1, as imagens são reconhecidas, ou no imaginário, ou no cotidiano vivido, como a casa e o edifício. As linhas indicam as relações, certos períodos de tempo. As palavras são apenas suficientes para decifrar a imagem ou para indicar o conteúdo do texto.

No entanto, a decifração se deu por meio de ressignificações correlatas ao texto, de modo que não se perdeu sua densidade. A apreensão do leitor foi expressa, sem que a abstração fosse aprisionada novamente, pois foi objetivada de algum modo compreensível.

Na Figura 2, novamente temos objetos do cotidiano, conceitos e relações. Traços e setas indicam ligações, hierarquias e movimentos. Note-se que o objetivo é a compreensão do texto, não sua interpretação. Busca-se traduzir o que o autor deseja expressar, porém de uma forma mnemônica.

**Figura 1 - Síntese do nascimento do Hospital**



Fonte: Foucault, Michel. O nascimento do Hospital. 11. ed., In: Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p 99 a 111

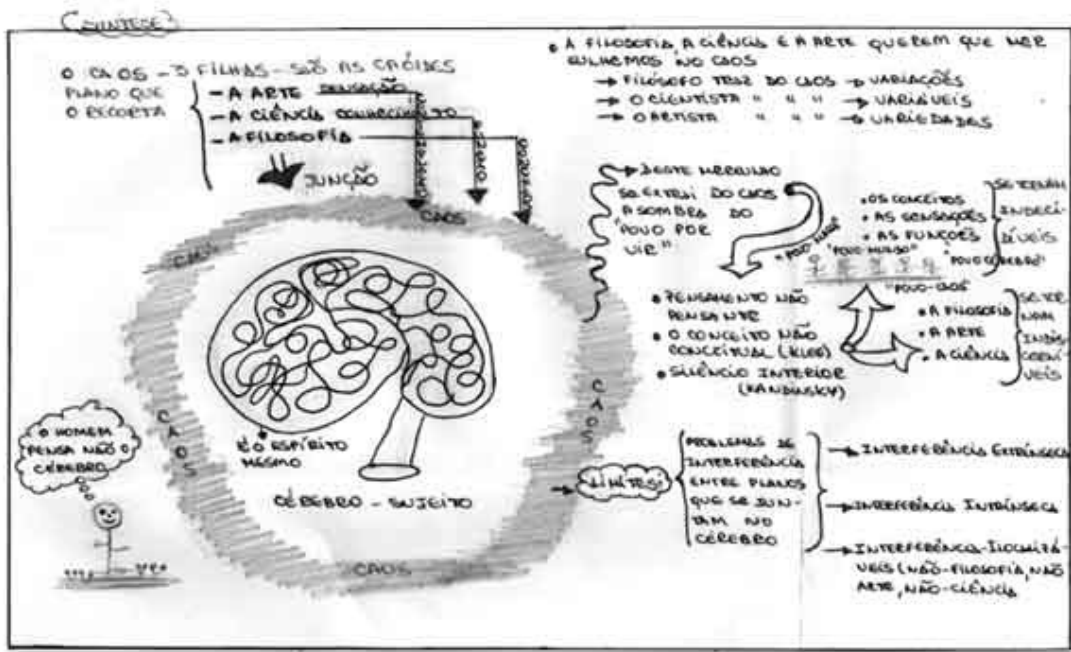
**Figura 2 Síntese da Produção da Subjetividade**



Fonte: Guattari, Felix. Da produção da subjetividade. In: Caosmose - um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 11-44.

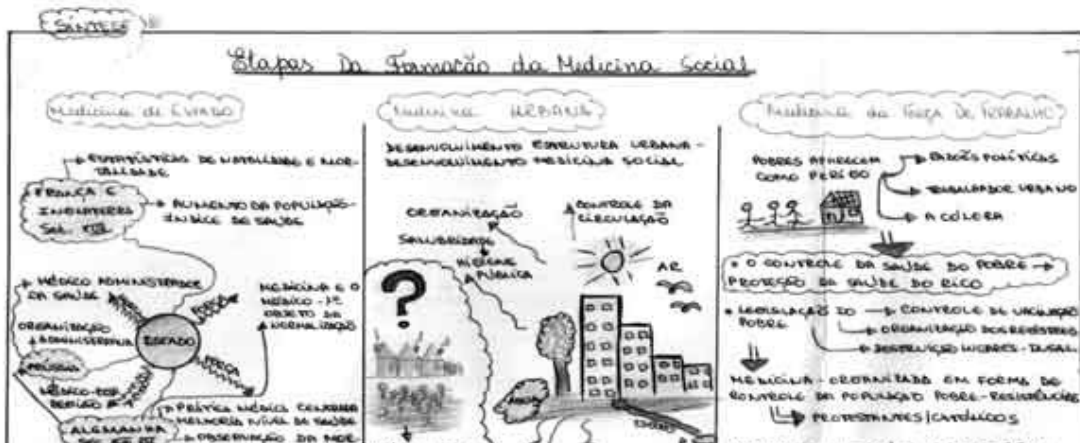
A síntese buscada emergiu das imagens, de modo que o leitor pode expressar, também aí, sua compreensão, podendo objetivamente ser avaliada. O professor também tem sua compreensão e pode orientar-se para decidir se a proposta do aluno corresponde à realidade do texto.

Figura 3 - Síntese sobre "Do Caos ao Cérebro"



Fonte: Guattari, Felix; Deleuze, Giles. Do Caos ao Cérebro. In: O que é filosofia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992, p. 259-279.

Figura 4 - Síntese sobre "As etapas da Formação da Medicina Social"





Fonte: Foucault, Michel. Microfísica. Rio de Janeiro: Graal, 1979, p. 79-98. (Texto que demonstra o nascimento da medicina social).

Nesta seqüência de figuras, de criação de Nietzsche, sempre o tema foi tratado de forma a adquirir sentido visual e lógico. O processo de debruçar-se sobre os textos e daí extrair estes resultados é que foi lúdico, dando margem à criatividade e desenvolvendo habilidades de argumentação e relações entre o conhecido e o desconhecido.

O professor pode provocar este tipo de expressividade na aprendizagem, fazendo algumas leituras com os estudantes e construindo com eles sua expressão visual em sala de aula, ao invés de vir à sala com a decodificação pronta.

Aqui, é importante esclarecer que não somos contra a aula expositiva em si, seja qual for a forma utilizada. Questionamos, de fato, a relação estabelecida durante o processo. Se a aula transcorrer de forma a permitir e sugerir ao aluno modos de aprender o conteúdo, então tornar-se-á apropriada, pois sugere a possibilidade da participação do aluno no desenvolvimento de seu próprio modo de relacionar-se com novas informações, sem fazer com elas colagens fragmentadas em sua memória.

Outras maneiras de estudar-aprender, também experimentadas pelas autoras foi a dramatização de temas históricos ou do cotidiano, colagens de gravuras, fotos, desenhos sobre percepções de situações, maquetes sobre cenas observadas e tantas outras. Diálogos entre pares que discordam sobre a compreensão de um tema, vídeos para demonstrar como os conceitos são expressos na prática, enfim, há inúmeras outras maneiras de tornar o estudar-aprender um momento de descontração, desenvoltura, perspicácia e envolvimento.

Este processo pode ser resumido nas palavras de Leite (1994: 219) que assim se expressa:

... a aprendizagem que resulta da vivência criativa é a de perceber-se como um ser em constante processo de mudança, não temendo a dinâmica evolutiva em si mesmo e no mundo. Trata-se da criatividade e das características da pessoa criativa, tais como: fluência, flexibilidade, originalidade, elaboração, criticismo, persistência, ludicidade, humor, não conformismo, consciência e autoconfiança.

### UMA DICA FINAL

A todos aqueles que acreditam que podemos transformar a Educação em Enfermagem em seu micro-espacos que estão passando por momentos difíceis de "aprender a aprender-estudar" no processo ensino e aprendizagem, fica o recado: deixem a criatividade fluir, pois encontrarão um caminho prazeroso, mesmo que o processo de ensinar continue sendo tradicional.

Queremos afirmar que a transformação não deve ser esperada somente por estímulo do professor, pois desta maneira carregaria a forma antiga de ser, em que o professor tem a fórmula mágica que permitirá ao aluno a faculdade de aprender. Ao contrário, melhor e mais produtiva seria uma experiência em que ambos fossem os atores conscientes, de modo que o diploma ou o título adquirido ao longo da jornada fossem conseqüências concretizadoras do esforço e não somente mais um passaporte para ganhos salariais ou prestígio pessoal.

É importante considerar que cada um de nós percebe o mundo de acordo com a sua própria visão e com a situação do mesmo. Segundo Pereira (1995: 136),

... todas as circunstâncias vividas fundamentam a nossa perspectiva e afetam o modo como olhamos as coisas e falamos sobre elas, as quais estruturam a nossa realidade. Estar em contato com a própria paisagem (significa a pessoa buscar a transcendência, fundamentada em sua vida e história de sua vida), é estar consciente das próprias experiências e do modo como se confronta o mundo.

Por isso, para desenvolver a criatividade, é interessante recorrer cada vez mais aos conhecimentos pessoais, numa tentativa consciente de eliminar os condicionantes que limitam a busca de alternativas no processo de aprender a aprender-estudar. Esta etapa é muito importante, para valorizar a própria experiência, a partir da qual novas dimensões são exploradas.

Para que se possa ser um sujeito que se realiza como pessoa criadora devemos abrir-nos ao

Uma vez que assumimos que o prazer pode estar presente em qualquer ato, por que não pensarmos em transportar para o trabalho as experiências da aprendizagem? A vida em sua multiplicidade se constitui de momentos de sofrimento, de repouso e de alegria. O acontecimento novo seria permitir que o prazer tocasse situações que exigem eficiência e técnica, para anunciar a vida e expressá-la ainda quando a dor exige urgência e habilidade.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMO, P. **Pesquisa - princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.

\_\_\_\_\_. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

FREIRE, P. **Conscientização - teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

HADDAD, R. R. L. **Oficina da palavra**. 5. ed. São Paulo: FTD, 1994.

LEITE, E. Dinâmica evolutiva do processo criativo. In: ALENCAR, E. M. L. e VIRGOLIM, A. M. R. (Org.) **Criatividade: expressão e desenvolvimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 205-228.

PEREIRA, R. C. J. Refletindo e escrevendo sobre as experiências vivenciadas no contexto da escola e do cuidado. In: WALDOW \_\_\_\_\_. **Maneiras de cuidar: maneiras de ensinar a enfermagem entre a escola e a prática profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 135-149.

---

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

Edição: 2000 - Vol. 25 - Nº 02 > Editorial > Índice > Resumo > **Artigo**